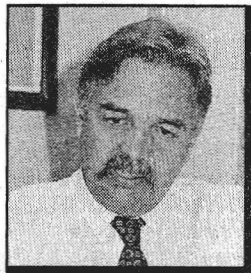


Águas Claras define eixo

Paulo Zimbres *



Mais do que simples bairro residencial, Águas Claras pode se constituir em solução estratégica para o dilema original de Brasília

Brasília já nasceu com um enorme desafio: compatibilizar as funções de capital da República com as de pólo regional de desenvolvimento. Como garantir esses dois destinos? Como manter os valores simbólicos do Plano Piloto e, ao mesmo tempo, promover uma ocupação mais densa e dinâmica do território geral?

A primeira tentativa de resposta foi o Plano de Ocupação Territorial — Peot, de 1977, que previa um complexo urbano contínuo no eixo Taguatinga - Ceilândia - Gama, preservando a bacia do Paranoá de ocupações predatórias e criando uma espécie de capital regional.

Desde então — e apesar da implantação de Samambaia — a realidade acabou indicando outros caminhos. Os espaços vagos entre Taguatinga e o Plano Piloto começaram a ser ocupados; Ceilândia consolidou-se; importantes vias de ligação foram construídas. A desejada estrutu-

ra urbana contínua começou a se delinear na prática, porém desenvolvendo-se no sentido Leste-Oeste: Plano Piloto, Cruzeiro, Guará e Núcleo Bandeirante; Taguatinga, Ceilândia e Samambaia. O Metrô reforça essa tendência. Entre esses dois aglomerados — os maiores do Distrito Federal — surge o Bairro de Águas Claras.

Mais do que simples bairro residencial, Águas Claras pode se constituir em solução estratégica para o dilema original de Brasília: insinua-se como centro urbano dinâmico, pólo aglutinador das áreas mais populosas e nervosas do Distrito Federal, liberando o Plano Piloto para seu destino soberano de capital central do País. Assume, assim, o solidário papel de válvula de escape para as justas pressões exercidas pela população sobre o Plano Piloto e também Taguatinga, pois oferece uma nova e eficiente opção para uma vida urbana intensa e complexa, in-

tegrada pelas mais variadas formas de residência, comércio, serviços e lazer, dentro de um cenário estimulante e de alto valor paisagístico.

Coloca-se também uma questão econômica — ao ampliar o uso da infra-estrutura e dos serviços instalados ou em execução, propicia a diminuição proporcional de custos. A própria decisão política de se estabelecer ali esse pólo já foi tomada simultaneamente à definição do traçado do Metrô. Um é consequência do outro.

O processo é inexorável e as oportunidades são infinitas. O planejamento racional e a ocupação criteriosa dos terrenos disponíveis facilitarão esforço de se constituir uma estrutura urbana estimulante, variada, eficiente e bonita para a inevitável metrópole.

** Arquiteto e urbanista da Zimbres e Reis Arquitetos Associados, foi presidente da Codeplan*